

Incapacidade, tecnologia e irresponsabilidade

Quanto maior é o grau de incapacidade maior é a discriminação. Esta é uma afirmação grave mas verdadeira.

Senão vejamos:

As pessoas com incapacidades severas normalmente têm dificuldade em conseguir expor as suas necessidades devido à dificuldade de mobilidade e/ou comunicação. A maior parte deles vivem em lares sem as mínimas condições para os acolher, este grupo de pessoas alguns ainda jovens tornam-se rapidamente idosos por estarem deslocados da sociedade.

Outros ficam em casa dos pais, no entanto, dificilmente conseguem ter as mínimas condições de dignidade, geralmente os pais deixam, **ou são obrigados a deixar**, os seus empregos para não os deixarem sozinhos. E aqui surge a indiferença por parte das entidades governamentais ou por quem os representa fazendo deles um peso para a sociedade ao não se esforçarem para os apoiar ou integrar.

Uns ficam sem as suas economias para poder pagar a um lar. Outros gastam-nas para poder sobreviver na sua habitação. Convém referir que todo este grupo de pessoas geralmente vive abaixo do limiar da pobreza. E tudo isto muitas vezes, com a conivência das entidades competentes.

Alguns, ainda, tentam fazer algum trabalho mesmo que seja ocupacional, mas geralmente são obrigados a fazê-lo por projectos solitários, porque a sociedade não está preparada para os acolher não havendo grande esforço por parte das entidades responsáveis para mudar a situação pois estes requerem apoio de terceiros ou tecnologia específica. Nestes casos, a produtividade deve ser avaliada pelo esforço que o cidadão faz para conseguir atingir o objectivo e não pela quantidade de trabalho efectuado.

Contudo um cidadão com uma incapacidade severa infelizmente nunca consegue estar ao mesmo nível de um colega mesmo que os seus estudos sejam superiores, estas são as regras do jogo da concorrência. Geralmente arriscam-se à frase habitual “ficas aqui por algum tempo mas nunca me dês ordens”. Muitas vezes esta frase não é dita directamente mas vai se subentendendo com o decorrer do tempo.

Resumindo, por muito crua que seja a realidade a maior parte dos cidadãos com incapacidades severas ficam a “ver televisão”.

Provavelmente onde se vive as situações mais gravosas são nas escolas, onde também surgem problemas sérios, o Estado não consegue manter uma pessoa com deficiência grave a fazer a sua escolaridade obrigatória porque não lhe proporciona as mínimas condições devido às escolas estarem velhas e desactualizadas e não se efectuarem obras de manutenção para acolher as pessoas com deficiências graves.

Para as pessoas com incapacidades severas terem autonomia existem meios tecnológicos que permitem melhorar a sua qualidade de vida, nomeadamente casas inteligentes e software para computadores, mas tal requer sempre a opinião de um técnico qualificado nesta área.

As Instituições, Fundações, e Associações tentam cativar apoios governamentais mas geralmente fazem-no através de pedidos isolados. Este é um sistema errado. Elas devem estar todas unidas, falar a uma só voz, para assim expor os seus problemas e levar o Estado a cumprir as suas obrigações, permitindo assim aumentar as verbas dos subsídios para com os cidadãos com deficiências graves.

Também, não vale a pena esconder que os Ministros e Secretários de Estado não saem dos seus gabinetes excepto em altura de eleições e geralmente para fazer falsas promessas. Este tipo de situações só se alterará quando as entidades responsáveis por tomarem conta das pessoas com deficiências graves tomarem atitudes severas para com o Estado sem prejudicar os deficientes graves para que o Estado aumente o valor dos subsídios.

Cumpre-nos a nós cidadãos de pleno direito desmascarar o Estado, pois ele é “muito inteligente”... sabe onde pode fazer os cortes orçamentais. Recae sempre sobre os que não podem ou não conseguem manifestar-se. Urge então, acabar com esta discriminação a nível mundial muito bem camuflada pelas entidades governamentais.